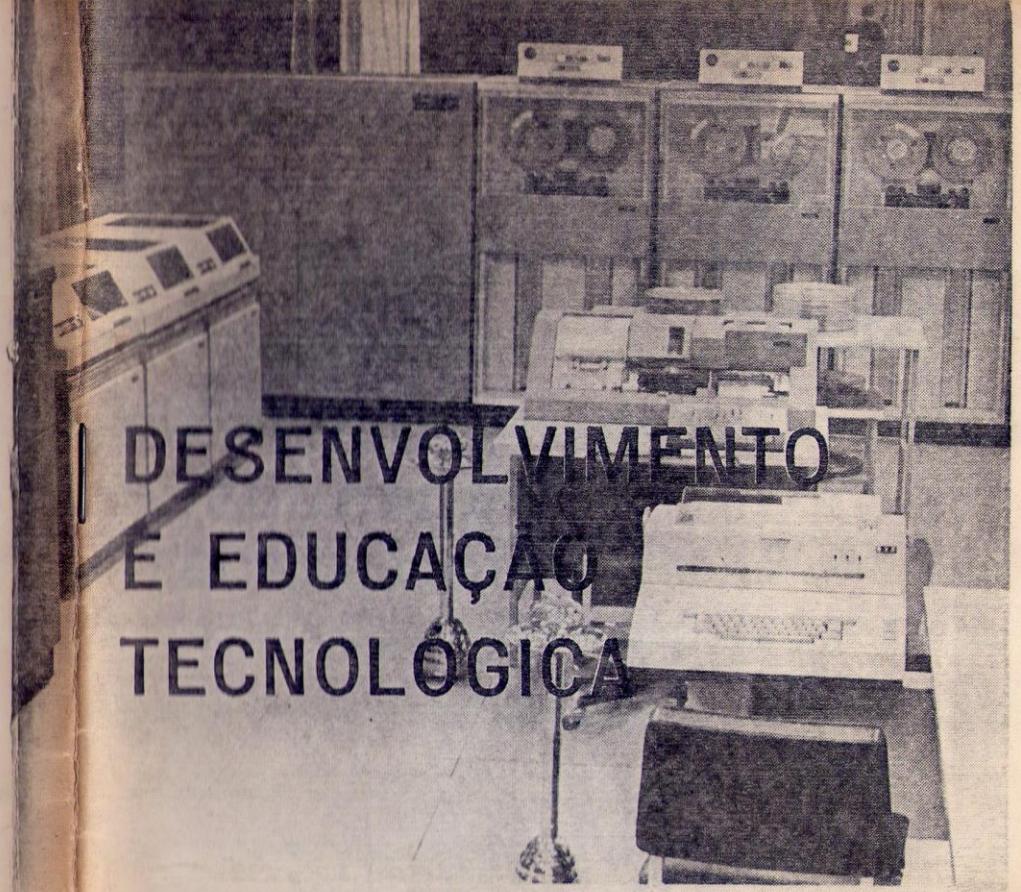


das de experimentação e com as experiências de todo Brasil, para que seja possível (...) a partir de experimentar, com as suas próprias mãos, as utilidades práticas geradas pela moderna tecnologia.

A reunião, com seus trabalhos que à frente do Conselho Deliberativo do Centro se encontram e estão sendo realizados, tem como finalidade principal a prestação de assistência técnica e tecnológica. Alberto Pereira de Castro.

Para o senhor Roberto Siqueira e Roberto Mangu, os trabalhos de pesquisa e desenvolvimento técnico do CENETEC, a Secretaria Nacional de Aprendizagem Industrial, para o curso quadriênio em um trabalho de caráter público e contributivo ao desenvolvimento dos setores de indústria, para a demonstração de desinteresse pessoal e de interesse pelo bem comum. Lá se encontram Osvaldo Augusto, Carlos Torres, Octávia Gaspar de Souza Ricardo, Vicente Chaves, etc. de uma congregação de talentos de quem vale o governador para fazer realidade a sua meta de impulsionar o desenvolvimento da indústria brasileira.

Temos certeza que dos cursos de que trata este curso continuará a sair homens de grande saber técnico e profissional, para o progresso da nação, para o bem estar de nossa gente.



# DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO TECNOLOGICA

AULA INAUGURAL DO CENTRO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PROFERIDA  
PELO GOVERNADOR ABREU SODRÉ, NA  
SEDE DA FEDERAÇÃO E CENTRO DAS  
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

# DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA



AULA INAUGURAL DO GOVERNADOR  
ABREU SODRÉ  
NO CENTRO ESTADUAL DE  
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA  
EM 3 DE AGOSTO DE 1970.

Folheto - Ceeteps  
A = 129  
Ex = 02

**É** com imenso júbilo que o governador do Estado de São Paulo profere esta aula inaugural. Imenso júbilo, por ser a pessoa que tem a oportunidade única de proferi-la. Imenso júbilo, e com razão muito mais forte, pelo que esta nova escola representa para nossa terra e nossa gente.

É que esta aula só pode ser proferida depois de nosso Estado ter percorrido um longo caminho, ter vencido uma árdua etapa, e por estar, assim, no limiar de uma nova fase de seu desenvolvimento.

Há uma ou duas décadas, esta cerimônia teria sido impossível ou prematura. Porém, de alguns anos para cá, o nosso crescimento, no sentido de nos tornarmos realmente uma potência industrial, passou a exigir decisões corajosas e iniciativas e medidas adequadas às transformações e à ascensão que caracterizam os nossos tempos.

Nossos tempos!!... tempos de esforços... tempos de sacrifícios para a nossa geração... Tempos de atividades febris, quando a urgência muitas vezes prevalece sobre o bom senso, a prudência e o planejamento. Tempos em que as gerações marcam na história de São Paulo e do Brasil mais um passo! Passo de gigante! Passo que deixa rastros: galerias, valas, tapumes. Ruas em obras, estradas em construção, rios represados, zunido de

geradores, teias de linhas elétricas, tupidação de motores. Mas, encobrimdo tudo, o rumor surdo dos passos de um povo que trabalha. Dêste povo de São Paulo, que sofre como que as dores de parto, para fazer surgir a nação poderosa entre as que mais o são, para fazerem surgir condições mais leves para as gerações de nossos netos. Dêste povo sôbre o qual repousam, mais do que qualquer outro, as responsabilidades, a dedicação, e principalmente, o esforço intelectual, para contaminar o Brasil com o impulso do progresso.

Atento a tôdas essas frentes de trabalho, e a tôdas essas formas de responsabilidade, o Govêrno do Estado, que tenho a honra de presidir, tomou providências pelas quais não tememos o julgamento das gerações futuras.

O aproveitamento do potencial hidro-elétrico do Estado, em escala de milhões de kilowatts, é um exemplo.

O grande esforço por abrir os Ginásios a tôda população jovem, é outro. Esfôrço inicial, é verdade. Mas esforço que marca uma nova política, a qual deverá ser completada no futuro próximo pela formação profissional acessível à grande maioria da juventude. Ao alcance do imenso número dêsses jovens, que deverão chegar a seu tempo de trabalho mais bem armados que seus pais, e que por isso usufruirão de um nível de bem estar social mais condigno do esforço e do sacrifício dêsse povo trabalhador.

E, não menos relevante, a criação dêste Centro Estadual de Educação Tecnológica, o qual tem uma grande missão a cumprir.

De fato, o Govêrno do Estado, com esta Escola, vem atender às necessidades novas, criadas pelo nosso desenvolvimento. E o Govêrno do Estado endossa, abarca, patrocina a criação de uma nova figura nesse exército de construtores de nosso progresso. É a figura do técnico superior, cuja presença é agora exigida por êste estágio que atingimos em nosso desenvolvimento.

Recapitulando a gênese dêste centro, a figura do técnico superior saiu da penumbra que encobria a zona das nossas intuições, para se tornar cada vez mais nítida, com sua silhueta sobressaindo do pano de fundo das novas exigências do progresso tecnológico e industrial, até se concretizar na recente legislação federal, e em resoluções definitivas do Conselho Federal de Educação e do Conselho Estadual de Educação.

Naturalmente, ocorre a pergunta: por que um técnico superior? Não bastam o técnico de 2.º ciclo médio, de um lado; e o engenheiro-operacional de outro?

É a própria tecnologia que vem em nosso auxílio para responder a essas perguntas.

A tecnologia estendeu-se moderadamente como em "continuum" entre o saber científico puro, e o saber técnico-artístico. Conseqüentemente, o sistema de ensino deve formar homens em tôdas as faixas dêsse "continuum".

"A ciência é o conhecimento das cousas pelas suas causas", e portanto o plano de atividade científica pura é intrinsecamente do intellecto especulativo e desinteressado.

“A apreensão daquilo que é sua única meta, sua única vida”.

A técnica, ou a “arte de construir o arco” acha-se no plano do intelecto prático.

“O intelecto prático se conhece em função de ação. Desde o princípio, seu objeto não é captar a essência do ser; seu objeto é a atividade humana, o modo de orientá-la nas tarefas que o homem deve cumprir. O intelecto prático está imerso num ambiente criativo. Sua própria vida é modelar a intelectualidade que há de ser introduzida no ser; julgar sobre os fins e sobre os meios, e dirigir, e também até governar nossas faculdades de execução”.

“Esta divisão (entre intelecto especulativo e intelecto prático) não acarreta uma distinção entre duas faculdades separadas, mas sim dois modos radicalmente distintos em que a mesma faculdade da alma — o intelecto ou a razão — exerce sua atividade”.

“Esta distinção geral não se refere a circunstâncias acidentais, mais é uma distinção essencial, pois todo o dinamismo do intelecto e sua aproximação típica a seu objeto depende dêsse mesmo objeto, de maneira que são radicalmente distintos êsses dois modos de intelecto, quando o objeto é um mero conhecimento e quando o objeto é a ação”.

(Jaques Maritain — La Poesia y el Arte)

O filósofo definiu duas atitudes puras. A tecnologia moderna veio introduzir um “continuum” entre elas. Porém, fiéis a essas características, que marcam a própria

atividade intelectual do homem, as Ciências e as Escolas de Ciência devem se informar de uma mentalidade muito mais intuitiva, artística (no sentido de arte útil, em vez de belas-artes), procurando objetivos úteis mediatos ou imediatos.

A recente legislação federal, atenta à abertura para novas categorias profissionais, estabelece uma correspondência entre atribuições profissionais e os currículos curados pelos alunos. Portanto, dentro do próprio espírito da lei, nada melhor para definir o técnico superior do que os currículos por êles seguidos.

Sob êste ponto de vista, podemos entender a reforma universitária efetivada pela Lei Federal 5.540, e as Leis correlatas, assim como as reformas da Universidade de São Paulo, e do ensino superior no âmbito estadual e registro, com orgulho, que o código de educação paulista se antecipou à lei federal na abertura de novas sendas para o desenvolvimento da instrução pública — podemos interpretá-la como o reconhecimento oficial, de um lado da translação que sofre o foco da atividade universitária, aproximando-se mais das atividades científicas e de pesquisa e conseqüentemente, do conhecimento desinteressado, abstrato e conceitual, e de outro lado, da necessidade de se dar novo tratamento ao ensino tecnológico que visa as aplicações práticas do saber.

No primeiro caso, floresce a tecnologia moderna de alto nível, promovendo uma aproximação entre as ciências tecnológicas, as ciências físicas, as ciências matemáticas, as ciências dos materiais, atingindo mesmo as ciências biológicas e as ciências de comunicação.

Ora, êsse deslocamento poderia abrir um vácuo funesto nos setores de formação profissional, principalmente em nosso País, que luta tenazmente para vencer a barreira do desenvolvimento e necessita, imperiosamente, de mão-de-obra especializada e de pessoal técnico habilitado, para construir concretamente o nosso progresso.

Daí, o segundo caso, corporificado com a criação de Escolas Superiores de Tecnologia Aplicada ao Desenvolvimento Industrial. É o que de há muito fazem as grandes potências. É o segredo do milagre do Japão.

Está aqui presente, portanto, o Governo do Estado cumprido seu dever.

Criamos o Centro Estadual de Educação Tecnológica para cobrir a faixa do conhecimento prático, enquanto o Ensino Universitário se desloca para o conhecimento científico. Essas várias faixas não competem entre si. Elas se complementam e se completam. E a tomada de consciência dessa nova necessidade é a comprovação de nosso progresso. Abrem-se novas perspectivas para a juventude.

Já foi dito diversas vezes nesta casa de Roberto Simonsen, e o Governo do Estado não ignora, que um dos estrangulamentos mais sérios para o nosso deslanche industrial se localiza na formação de pessoal especializado em todos os níveis.

Sabemos que, além da extraordinária obra de educação profissional do SENAI, várias indústrias mantêm cursos para formar o seu pessoal. Esta é mais uma contribuição da iniciativa particular para o progresso da

nação, com fortes reflexos sociais, pois torna-se cada vez mais claro que a revolução social autêntica só pode ser feita com a elevação da renda bruta nacional, e com a participação crescente das classes trabalhadoras nessa renda, participação essa alcançada por meio de melhor remuneração paga pela maior produção e pela maior produtividade. E ressalta aquêlê truísmo: ensinar o operário é aumentar o seu salário.

Dentro do próprio esquema de ensino e de formação profissional dos países desenvolvidos, as empresas industriais continuam a se encarregar de parte dessa tarefa. Pois as escolas oficiais não podem chegar ao grau de informação e de detalhes que satisfaça à multiplicidade enorme dos trabalhos especializados que devem ser executados.

Porém, cabe aos governos aliviar enquanto possível êsses encargos laterais que recaem sobre os empresários.

Não há, e não haverá ainda neste século, organismo social capaz de arcar com todos os encargos requeridos para se dar formação universitária a todos os jovens.

Entretanto, a juventude que termina o segundo ciclo colegial pressiona as universidades. Não temos meios para atender a todos. Aliás, o atendimento parcial tem seu aspecto positivo, que é o processo de seleção que garante a qualidade de pessoal e de trabalho nas Universidades e nas Escolas Superiores.

Muitos dos que batem à porta das Faculdades o fazem por estarem ainda embuídos de uma rançosa tradição,

que é o diplomismo. O diploma sob o braço, a gravata no pescoço.

O nosso progresso tende a acabar com tais preconceitos. A remuneração do operário especializado e do técnico vai abalar o mito. Precisam abalar o mito. E aos empregadores, privados ou estatais, cabe a responsabilidade de remunerar as novas categorias abandonando também os preconceitos do diploma e da gravata. Temos que tomar como padrão o trabalho e a produtividade.

O Centro Estadual de Educação Tecnológica vem, assim, suprir ampla faixa da formação no nível de 1.º e 2.º anos superiores.

Sem dúvida, tal faixa atrai parte considerável da juventude, que, por vocação, se inclina mais para o conhecimento prático do que ao conhecimento conceitual, o raciocínio concreto ao raciocínio abstrato. Aquêles que preferem trabalhar na construção de uma utilidade, do que estudá-la genêricamente nas estimativas de desempenho e de viabilidade econômica.

A formação do técnico superior é direta, concentrada, acelerada. Isto torna o curso atraente àqueles jovens cuja vocação se volta mais à construção do que ao estudo genérico. Isto propicia um curso econômico, ou, digamos melhor, menos dispendioso, por sua curta duração, pois o ensino técnico, em todos os seus níveis, é um ensino dispendioso, quer pela exigência de professores especializados, de alta capacidade, e junto aos quais devemos concorrer salutarmente quer com as ofertas salariais das

indústrias, quer atendendo à exigência de equipamentos de oficinas e de laboratórios, todos êles de alto preço.

É preciso que todos nós enfrentemos a realidade. Não podemos nos perder em divagações livrescas ou utópicas. As nossas condições econômico-sociais obrigam uma parcela considerável de adolescentes, e justamente, os mais necessitados, a abandonar os estudos e viver sob a ameaça permanente de ter que se contentar com sub-empregos. Nós precisamos enfrentar o problema da profissionalização dos jovens, num sistema muito mais ligado à idade do aluno, do que à série letiva na qual êle possa se encaixar. Felizmente, o plano estadual de educação, votado pelo egrégio Conselho Estadual de Educação e tornado lei neste governo, prevê um sistema profissionalizante paralelo ao sistema seriado, para atender àqueles adolescentes e àqueles moços que se encontram à margem da estrada. O governador sabe que êstes problemas não são simples, pois os tem desafiado constantemente, não podemos levar a batalha e o esforço a tôdas as frentes simultâneamente, mas aproveitamos esta oportunidade para declarar quanto o fato nos preocupa, e sabemos que preocupará os governos subsequentes.

Abre-se assim um caminho nôvo.

Não é sem razão que esta aula inaugural é proferida na casa onde se abriga a Federação das Indústrias do Estado. O governador do Estado vem apresentar êsse nôvo tipo de escola, e vem apresentar êsse novo tipo de profissional, do qual os maiores beneficiários diretos serão as indústrias.

O Centro Estadual de Educação Tecnológica inicia suas atividades oferecendo dois caminhos aos jovens: o Curso Técnico Superior em Construções Cíveis, e o Curso Técnico Superior em Construções Mecânicas, os quais abrangem, ao todo, cinco modalidades.

Todos êles tiveram sua organização aprovada pelo Conselho Federal de Educação, com base no parecer do grande professor de engenharia, que já foi diretor de nossa Escoda Politécnica, o conselheiro Tharcísio Damy de Souza Santos, e pelo Conselho Estadual de Educação, onde foram relatores os conselheiros Walter Borzani, professor da Escola Politécnica e Paulo Nathanael Pereira de Souza, experimentado professor e administrador de ensino.

Os currículos se desenvolvem ao longo de dois anos letivos, cada um com três períodos de 12 semanas de aula e duas semanas de provas. São, portanto, 36 semanas ou 216 dias efetivamente letivos por ano, sob regime de trabalho árduo, com matérias em sua grande maioria especificamente de formação profissional.

Êste fato distingue o técnico de grau médio do técnico superior, pois a carga de ensino do último é maior e mais complexa, principalmente quanto às matérias específicas, levando-o inquestionavelmente a uma melhor capacitação profissional.

Por outro lado, não foram colocadas no currículo da nova Faculdade matérias propriamente científicas. Existem disciplinas como métodos de cálculo e física aplicada, que devem ensinar os alunos como operar com as enti-

dades matemáticas e como utilizar praticamente as várias leis físicas fundamentais. Tal ausência de ênfase nos assuntos e no encaminhamento propriamente científicos, ao contrário do que é feito na matemática e na física ensinadas nas Escolas de Engenharia, operacionais ou regulares, distingue o técnico superior do engenheiro operacional.

Estamos certos de que a contribuição a ser prestada pelos técnicos superiores será de extrema valia para nossas atividades industriais.

De fato, todos sabemos que essa faixa de pessoal já existe no parque industrial, muitas vezes coberta por pessoas que tiveram formação profissional no exterior.

São pessoas que conhecem em profundidade setores especiais do processo de produção. Os engenheiros, como são formados entre nós, possuem uma formação também profunda, mas com ênfase nos conceitos técnico-científicos que presidem a toda a atividade tecnológica.

Com todos os riscos que corremos ao definir setores pertencentes a uma realidade tão vasta e complexa, podemos dizer que o progresso tecnológico prederá mais e mais o engenheiro aos problemas de soluções específicas para questões de grande envergadura, como é o projeto ou a análise dos sistemas, ou os problemas ligados à procura de soluções genéricas, como é a pesquisa tecnológica.

Porém, a complexidade dos processos e problemas de produção, seja no campo da concretização de projetos, seja na parte propriamente operacional da atividade, exi-

ge a presença de homens que conheçam melhor certos detalhes, certos modos de proceder e de operar ou de construir, para que o produto seja "bem feito".

Precisamos continuamente aprender a "construir bem", a "trabalhar bem", para que nossa indústria progrida sempre, e passe a competir no mercado internacional. Isto é vital, para que o Brasil seja uma potência no campo da indústria.

O Governo do Estado dá, assim, uma contribuição, entre tantos outros elos imprescindíveis, que virá a permitir que se feche o círculo, que se cumpra a missão.

O governador vê com grande esperança o Centro Estadual de Educação Tecnológica, não só por isso, mas também porque ele está juridicamente capacitado, e está se aparelhando eficazmente, para ajudar a preencher outras lacunas, aqueles vazios que aumentam em extensão à medida que queremos levar a formação profissional a parcelas cada vez mais numerosas da coletividade trabalhadora. Deverá o centro, segundo sua lei de criação, avançar pelo terreno do ensino técnico de segundo ciclo, preocupação constante deste governo, que deseja habilitar para o trabalho a enorme parcela da juventude que fica à margem do Ensino Universitário. Para isso, ainda faz poucos dias, criamos 16 novos colégios técnicos industriais na rede da Secretaria da Educação. Deverá, ainda mais, ajudar o Estado a vencer quem sabe a mais séria dificuldade, nesse plano todo: a formação do pessoal docente para as Escolas Técnicas.

O governador vê com grande esperança este centro pois o seu exemplo frutifica pelo Interior do Estado. Se-

guindo a iniciativa pioneira da Fundação Educacional de Bauru, que já mantém Cursos Técnicos Superiores em funcionamento, vários municípios do Estado compreenderam o alcance e as vantagens desta solução, e se interessam em ver uma das chamadas "Faculdades de Tecnologia" implantada na sua área. É Sorocaba. É Tatuí. É São José do Rio Preto. É Lorena. É Jaboticabal.

O governador vê com grande esperança este Centro, pois o seu plano original é apenas uma parcela da obra que poderá ser realizada. O Centro se iniciou nos setores de Tecnologia Mecânica e de Construção Civil porque esta pareceu, a quem delegou a tarefa de concretizá-lo, a maneira mais segura de começar a experiência. Porém, o próprio Centro prevê sua entrada nos setores de construção ligados à eletricidade e eletrônica. E já se estudam convênios com a Embratel e a Cia. Telefônica Brasileira, para a formação dos especialistas em comunicações e em televisão necessários a essas grandes forças domadoras das distâncias que ainda separam regiões deste País-continente! Mas é também fora dele que nossas esperanças despontam. Refiro-me a tantos outros campos profissionais que poderão ser animados por este novo sopro de entusiasmo, abrindo possibilidades para a juventude e para o progresso, e que são os objetivos finais de todo nosso esforço.

Há, assim, um vasto território a explorar no Ensino Técnico Superior, como o relacionado com o melhor aproveitamento da terra e dos produtos agrícolas; irrigação; drenagem; construções rurais; construções municipais; técnicas de transformação de produtos agrícolas perecíveis em produtos industrializados, favorecendo a iniciati-

va de pequenos produtores autônomos. Há depois, o preparo daqueles que vão trabalhar nas atividades terciárias, nos serviços de todos os tipos. Tais serviços precisam ser feitos por pessoal competente e conhecedor do ofício.

Logo seremos vinte milhões de paulistas. Hoje, um milhão e um quarto trabalha em atividades industriais. Nossa força de trabalho aproxima-se de seis milhões de pessoas. Precisamos dar emprêgo a todos aqueles outros, que estão fora da indústria. O estabelecimento de condições favoráveis ao trabalho autônomo é também uma condição essencial para o bem-estar do povo, e conseqüentemente, para a paz social.

Ainda mais, no setor da saúde há campo para este nível de formação. Não me refiro aos Cursos de Enfermagem, já instituídos. Refiro-me a serviços como os de Fisioterapia, Optometria, Exames de Laboratório, Auxiliares de Exames de Raio-X.

O governador vê com grande esperança este Centro, por causa da juventude que virá nêle se abrigar. Precisamos de ânimo, de otimismo, de seriedade, de pioneirismo. São estas qualidades imprescindíveis aos alunos que iniciam qualquer escola, e qualquer campo de atividade. É preciso que alunos e professores se animem dêste espírito. E não há dúvida que o farão, até o ponto de este espírito se estender a camadas maiores da população.

Enquanto a maioria das Escolas Superiores tem como objeto principal de suas atividades o aluno, isto é, aquêle jovem que em princípio se dedica em tempo integral aos estudos, o Governo do Estado apresenta uma Es-

cola Superior onde também deverão encontrar condições favoráveis aquêles jovens, mesmo aquêles homens com encargos familiares, que já labutam diuturnamente para a manutenção própria e dos seus. O Governo do Estado quis trazer uma nova abertura, uma nova possibilidade de progresso, uma nova esperança para os moços e os trabalhadores, que interrompem seus estudos no nível do segundo ciclo colegial, por falta de recursos. Por isso, o governo deu prioridade aos gastos necessários para instalação da nova escola, e para o seu funcionamento intensivo, com três admissões anuais, de modo a incluir também cursos noturnos, como deverá ocorrer a partir de 1971.

O Governo do Estado espera que esta escola mantenha, para benefício do Estado e para benefício dos próprios alunos, um alto padrão de ensino. A manutenção do alto nível é vital aos próprios alunos, além de o ser para a coletividade, porque será apenas pelo valor de sua formação que os alunos projetarão seu valor perante a sociedade e perante os seus empregadores. Só a alta qualidade do ensino dá aos alunos o senso de responsabilidade, que lastreará a sua energia interior no desempenho profissional. Não podemos ceder neste terreno.

Para que tal tarefa não se torne impossível, o Conselho Deliberativo do Centro, de acôrdo com a orientação governamental, procurou escolher cuidadosamente um corpo docente altamente capacitado. Não apenas no campo técnico-científico-pedagógico, mas também no terreno das cousas do trabalho. O corpo docente compõe-se de ho-

mens amadurecidos nas vicissitudes profissionais. Homens que conhecem o trabalho e os trabalhadores. A eles o Governo do Estado entrega essa parcela viva de nossa mocidade, esperando que saibam conduzi-la com sabedoria, e mais do que isso, que saibam induzir nela o calor do entusiasmo, para que ela se desdobre, e atinja resultados aparentemente inalcançáveis.

O governador vê com grande esperança este Centro, pois esta é a primeira Escola não especificamente de engenharia, a merecer a atenção de um número ponderável de engenheiros.

De modo geral, os engenheiros se têm mantido ao largo do ensino técnico. Rendemos as nossas homenagens àqueles poucos que se dedicam a esse nível do ensino, como por exemplo, na Escola Técnica "Getúlio Vargas" pertencente ao nosso sistema estadual.

É vital que os engenheiros, como a classe de maior peso e de maior projeção a tratar do nosso progresso tecnológico, empenhem parcela apreciável de suas atenções ao Ensino Técnico Profissional em todos os níveis.

Em caso contrário, principalmente neste momento em que o País deslança no seu desenvolvimento industrial, e se movimenta para deslançar também no seu desenvolvimento tecnológico, em caso contrário, a formação da mão-de-obra especializada e do pessoal técnico de segundo ciclo e do pessoal técnico superior ficará exclusivamente sob a orientação daqueles outros que, embora imbuidos da melhor dedicação e empenho, não contam com

a experiência profissional do engenheiro e do homem de indústria.

É intenção do Governo do Estado ressaltar no Ensino Técnico a sua especificidade em todos os níveis, em contraste com as características gerais comuns ao ensino tradicional, como o primário, o médio e o superior. Para isso, temos a intenção de dotar o ensino técnico de uma assessoria de engenheiros, de industriais, de administradores, que o mantenham protegido das oscilações doutrinárias e políticas.

Como já dissemos, o processo do País depende intimamente do Ensino Técnico. Portanto, esse valor fundamental que é o progresso, não pode ficar na dependência de circunstâncias passageiras.

Para isso, precisamos contar com a colaboração dos engenheiros, dos industriais e dos administradores, civis e militares.

O governador vê com grande esperança este Centro, porque ele nasce também sob a inspiração do exemplo, que ainda não foi justa e suficientemente proclamado, do trabalho silencioso, eficaz, patriótico, das forças armadas, no campo prioritário da educação nacional. Não me refiro apenas à sólida formação que na Escola Naval, na Academia das Agulhas Negras, no legendário Campo dos Afonsos e agora em Pirassununga, Marinha, Exército e Aeronáutica asseguram à oficialidade das três armas. Ou às escolas de especialistas, de Oficiais Mecânicos e a outros cursos onde se adestram brasileiros não só para a tecnologia militar como para o Parque Industrial Brasilei-

ro. Ou, ainda, à educação de recrutas em tantas escolas quantos são as bases navais e aéreas e os quartéis espalhados por esta imensa nação. Quero, em especial, lembrar que às Fôrças Armadas devemos a primeira Escola de Engenharia do Brasil, e que das Fôrças Armadas surgiram a Escola Técnica do Exército, hoje Instituto Militar de Engenharia, renomado Centro de Estudos e Pesquisas; os Cursos de Engenharia Naval, que nossa marinha instituiu em convênio que engrandece a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo; e que, com os olhos voltados para os céus mas os pés na terra firme, a Fôrça Aérea Brasileira implantou, neste Estado, num Centro Técnico — Aéreo — Espacial que vai levar às estrélas a bandeira sagrada da ordem e progresso, uma Escola de Engenharia igual às melhores do mundo, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica. Do Ita tem São Paulo recebido a contribuição de engenheiros cuja sólida formação moral e científica os tem conduzido, rapidamente, a posições de liderança em todos os setores da produção. No Ita nos inspiramos para a organização do Centro Estadual de Educação Tecnológica. Ao Ita recorreremos para que a experiência acumulada por seus organizadores e continuadores, e personificada na pessoa de um de seus grandes professôres, viesse superintender o nôvo e pioneiro Instituto de Ensino Superior ora inaugurado. Mais uma vez, civis e militares, brasileiros todos, se unem ante a convocação para a batalha pelo desenvolvimento do País e o bem estar dêste grande povo.

Olhando, neste momento, para tão seletto auditório, também nos enchemos de júbilo por esta oportunidade que se apresenta ao governador de São Paulo.

Estamos aqui reunidos — a administração pública, civil e militar, os industriais, as escolas ligadas à tecnologia, os estudantes.

Só o nosso esforço conjunto fará a nação atingir com maior brevidade os níveis mais altos do desenvolvimento e do progresso tecnológico. Não nos ajudam as divagações e os modelos teóricos. Nós conhecemos a resistência oposta pela natureza, e a atração que as distrações oferecem ao nosso espírito.

É preciso esforço disciplinado. É preciso trabalho e estudo. É preciso valor moral. E não é preciso sacrificar, nesse processo, a liberdade. Enquanto no regime ditatorial comunista o avanço tecnológico só pôde ser feito violentando os direitos fundamentais do homem, vemos o Japão ressurgir e progredir extraordinariamente sem qualquer restrição aos postulados da democracia. Num artigo — “desenvolvimento, produtividade e talento”, Peter Drucker cita a contribuição de Yataro Iwasake e Eiichi Shibusawa no desenvolvimento japonês. O primeiro criou um dos maiores complexos industriais do mundo, o grupo Mitsubishi. O segundo fundou mais de 600 emprêsas de produção. E por muitos anos se engajaram em discussões com diferentes pontos de vista: “devemos maximizar os lucros”, afirmava Iwasake. “Maximizemos os talentos”, retorquia Shibusawa. Hoje sabemos que ambos estavam com razão”.

Acrescentaria eu que se a ênfase nos lucros constitui elementos importantes no fortalecimento e expansão da tecnologia nacional, mais relevante é o sentido social da atividade econômica privada, que há de ser praticada se-

gundo a justiça distributiva, valorizando e estimulando a mão-de-obra, proporcionando aos trabalhos os meios de continuado aperfeiçoamento e ascensão. E assim a atividade lucrativa se faz geradora dos talentos que, em todos os níveis da hierarquia da produção, enriquecem tôda a fôrça de trabalho e engrandecem a nação.

Temos no exemplo fornecido por êste país amigo — o Japão — a certeza que nossa tarefa também é possível, como os resultados já alcançados pelas administrações posteriores à revolução de 31 de Março têm provado.

Nós precisamos passar do estágio de produzir para o estágio de projetar e saber construir. Sem isso, o nosso progresso será coxo. Sem isso, nunca seremos uma potência industrial.

Aqui estamos todos reunidos. Governantes e governados ~~se~~ não poderão ignorar a necessidade desta conjugação de esforços. Cabe, portanto, ao empresariado brasileiro, e ao empresariado paulista, como pioneiro, cabe à engenharia desta terra imprimir ritmo crescente à nacionalização da nossa tecnologia, para que não sejamos levados, se deixarmos tudo à responsabilidade exclusiva do poder público, a uma ação governamental mais direta e estatizante.

Precisamos, como temos precisado, do capital e da tecnologia de países mais avançados. Recebêmo-los de braços abertos. Porém, há de ser nacional, tem de ser nossa, a fôrça do crescimento e do progresso. É preciso que se criem condições para tal crescimento e tal progres-

so se fazerem harmônicamente, conjugados o poder público e a liderança da iniciativa privada.

Esse equilíbrio entre as várias possibilidades, essa otimização da facilidade a curto prazo e do esforço a longo prazo, dependerão em grande parte dos senhores. O Governo do Estado concita-os, pois, a dar, ainda mais do que vem dando, o melhor de sua atenção para que alcancemos, todos nós, a solução mais feliz .

Para terminar, queremos evocar ainda uma imagem que não pode ser esquecida.

Dissemos há pouco que esperamos da nova escola o cumprimento da missão que aos pusilâmines e aos derrotistas pareceria impossível. Cumpre lembrar neste momento, a missão a que se propôs o Governo do Estado, e o grande mestre Paula Souza, com os primeiros professores da Escola Politécnica, há mais de setenta e cinco anos.

Sem dúvida, o empreendimento lhes poderia ter parecido quase inviável. No entanto confiaram e porfiaram, e os casarões da rua Três Rios, que hoje abrigam êste Centro, testemunham o êxito da empreitada, e o valor de um diploma da Escola Politécnica de São Paulo.

Daquela Escola saiu um Gaspar Ricardo Júnior, o engenheiro que ajudou a implantar a Escola Profissional de Sorocaba, em 1929. Daquela casa saiu Ary Torres, e por sua ação sadia e patriótica, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Já em 1939, afirmava Ary Torres:

“A indústria nacional precisa adquirir, em cada um de seus ramos, uma posição compatível com as exigên-

cias do consumidor e com as expectativas de todo brasileiro que quer ver a nação (...) capaz de enfrentar, com os seus próprios técnicos, os intrincados problemas gerados pela moderna indústria”.

É também uma feliz coincidência que à frente do Conselho Deliberativo do Centro se encontra o mesmo líder que vem dando renovado vigor e prestígio ao I.P.T., o professor Alberto Pereira de Castro.

De lá saíram Roberto Simonsen e Roberto Mange, os homens que criaram e deram a orientação inicial ao SENAI — Serviço Nacional de Aprendizado Industrial, que há quase quarenta anos vem trazendo aos poderes públicos a contribuição lúcida e decisiva dos homens da indústria, numa demonstração de desinterêsse pessoal e de interêsse pelo bem comum. Lá se formaram Oswaldo Fadigas Fontes Tôrres, Octávio Gaspar de Souza Ricardo, Vicente Chiaverini, três de uma congregação de talentos de que se valeu o governador para fazer realidade a sua idéia de implantação desta nova modalidade de ensino superior.

Temos certeza que dos casarões da rua Três Rios continuarão a sair homens de grande gabarito moral e profissional, para o progresso da nação e para o bem estar de nossa gente.

**CENTRO PAULA SOUZA**  
**UNIDADE DE ENSINO MÉDIO E TÉCNICO (Cetec)**

**CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



**Origem do documento: Centro Gestão Documental (CGD) do Centro Paula Souza, em 14/06/2018**

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (Cetec/GEPEMHEP) – escaneou documento NR 280, em 22 agosto de 2018.**